

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 179 | Volume 22 | 2025

**“Creio...na ressurreição da carne e na
vida eterna”: Escatologia cristã**

José Roque Junges

Cadernos *Teologia Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 179 | Volume 22 | 2025

“Creio...na ressurreição da carne e na vida eterna”: Escatologia cristã

José Roque Junges

Doutor em Teologia Moral pela Pontificia Università Gregoriana de Roma, Professor de bioética e saúde coletiva na Unisinos e membro da Rede latino-americana e do Caribe de Bioética da UNESCO



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XXI – Vol. 22 – Nº 179 – 2025

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Imagem da capa: Pixabay

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

“Creio...na ressurreição da carne e na vida eterna”: Escatologia cristã

José Roque Junges

RESUMO: O texto discute a escatologia cristã, interpretando e indo ao sentido original grego de duas expressões presentes no final do Símbolo dos Apóstolos: creio na ressurreição da carne e na vida eterna. Discute-se o significado de carne (*sarx*), entendida como existência terrena em sua fragilidade e, em que sentido é justamente ela que ressuscita. Outro conceito é vida que aparece em grego *zoé* (vida natural) e não *bios* (vida humana qualificada) como seria de esperar. Como essa vida natural pode ser qualificada de eterna? A carne e a vida natural podem adquirir uma qualificação que as transcende escatologicamente se elas, redimidas do pecado e capacitadas pela graça, concretizarem a vivência do amor/ágape, como o único último e definitivo valor, possível de viver na fragilidade da existência quotidiana. Assim, a existência na carne ressuscita e a vida terrena se torna eterna. Esse é o significado profundo da escatologia cristã que não pode ser identificada com a representação cronológica do fim apocalítico do tempo, mas com a vivência messiânica do tempo do fim, no qual o eschaton, o definitivo vai acontecendo operativamente no decorrer do tempo histórico. Essa é a escatologia do fim já acontecido, cronologicamente, mas ainda não em plenitude, porque sempre aberto a novas ocasiões cairológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Escatologia. Apocalipse. Ressurreição. Vida eterna. Tempo

“I believe in the resurrection of the body, and the life everlasting”: Christian Eschatology

José Roque Junges

ABSTRACT: This text explores Christian eschatology by interpreting and returning to the original Greek meaning of two expressions found at the conclusion of the Apostles' Creed: “I believe in the resurrection of the body” and “life everlasting.” The term “flesh” (Greek: *sarx*) is examined as a reference to earthly existence in its frailty, raising the question of how it is precisely this fragile condition that is said to be resurrected. The concept of life is also analyzed, noting that the Creed uses the Greek *zoē* (natural life) rather than *bios* (qualified human life), which might be expected. How, then, can natural life be described as everlasting? Flesh and natural life may be eschatologically transformed—redeemed from sin and empowered by grace—through the concrete enactment of love (*agapē*), understood as the ultimate and definitive value, capable of being lived within the vulnerability of everyday existence. Thus, bodily existence is resurrected, and earthly life becomes eternal. This is the deeper meaning of Christian eschatology, which should not be conflated with a chronological representation of an apocalyptic end of time, but rather understood as the messianic experience of the time of the end, in which the eschaton—the definitive—is already unfolding within historical time. It is an eschatology of an end that has already occurred chronologically, yet not in fullness, remaining open to new kairological moments.

KEYWORDS: Eschatology. Apocalypse. Resurrection. Eternal Life. Time

“Creio...na ressurreição da carne e na vida eterna”: Escatologia cristã

José Roque Junges

Doutor em Teologia Moral pela Pontificia Università Gregoriana de Roma, Professor de bioética e saúde coletiva na Unisinos e membro da Rede latino-americana e do Caribe de Bioética da UNESCO

INTRODUÇÃO

Essa expressão aparece no final do assim chamado Símbolo dos Apóstolos, ou Credo dos Apóstolos, uma síntese catequética da Fé cristã que surgiu no contexto da prática batismal. O símbolo é considerado um resumo fiel da Fé dos Apóstolos, amplamente utilizado por muitas denominações cristãs para propósitos litúrgicos e catequéticos. O Símbolo dos Apóstolos é composto por doze artigos que simbolizam o conjunto da fé apostólica, de acordo com uma tradição recolhida e atestada por Santo Ambrósio. O símbolo é considerado a “Regra da Fé” que evoca o grande mistério da salvação com poucas palavras. Trata-se de uma profissão de Fé, expressada de forma catequética. Temos, por

outro lado, o Credo Niceno-Constantinopolitano que é mais uma profissão dogmática da Fé, cujo contexto de formulação foram as controvérsias trinitárias e cristológicas.

Todos os domingos, na eucaristia, recita-se o Símbolo dos Apóstolos que termina com as palavras “na ressurreição da carne e na vida eterna”. De tanto repetir de memória essas palavras, já não se pensa no que elas significam. Por isso pode ser interessante voltar ao sentido original grego dessas palavras para captar o seu significado a partir do contexto soteriológico que determina a sua perspectiva de compreensão. Essas palavras finais expressam teologicamente os efeitos antropológico-éticos da história da salvação, enunciada no Símbolo dos Apóstolos. Pode-se tomar como referência a fórmula do Símbolo em grego, trazida pela tradição catequética de Cirilo de Jerusalém datada mais ou menos no ano de 348¹

41 Πιστεύομεν εἰς ἕνα Θεόν, πατέρα παντοκράτορα, ποιητὴν οὐρανοῦ καὶ 9
γῆς, ὁρατῶν τε πάντων καὶ ἀοράτων.

[Καὶ] εἰς ἕνα κύριον Ἰησοῦν Χριστόν,
τὸν υἱὸν τοῦ Θεοῦ τὸν μονογενῆ, τὸν ἐκ τοῦ πατρὸς γεννηθέντα
Θεὸν ἀληθινὸν πρὸ πάντων τῶν αἰώνων, δι’ οὗ τὰ πάντα ἐγένετο,
[τὸν κατελθόντα, τὸν σαρκωθέντα καὶ] ἐνανθρωπήσαντα, [τὸν] σταυρωθέντα [καὶ ταφέντα καὶ] ἀναστάντα [ἐκ νεκρῶν] τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ,
καὶ ἀνελθόντα εἰς τοὺς οὐρανοὺς, καὶ καθίσαντα ἐκ δεξιῶν τοῦ πατρὸς, καὶ ἐρχόμενον ἐν δόξῃ κρῖναι ζῶντας καὶ νεκρούς, οὗ τῆς βασιλείας οὐκ ἔσται τέλος.

[Καὶ] εἰς ἓν ἅγιον πνεῦμα, τὸν παράκλητον, τὸ λαλήσαν ἐν τοῖς προφήταις, καὶ εἰς ἓν βάπτισμα μετανοίας εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν, καὶ εἰς μίαν ἁγίαν καθολικὴν ἐκκλησίαν, καὶ εἰς σαρκὸς ἀνάστασιν, καὶ εἰς ζωὴν αἰώνιον.

1 DENZINGER H, SCHÖNMETZER A. Enchiridion Symbolorum, Definitioneum et Declarationum de rebus Fidei et Morum. Freiburg: Herder, Editio XXXVI, 1976 n. 41

A fórmula em grego diz “Pisteúomen...eis **sarkós** anástasin kai eis **zôén** aiônion” (últimas palavras em grego traduzidas para o latim como: “**carnis** resurrectionem et **vitam** aeternam”).

Interessa o significado das duas palavras gregas – **sarx** e **zoé** – que conjugadas com os substantivos ressurreição (da carne/sarx) e vida (zoé), adjetivada como eterna (aiônion), determinam a sua compreensão ético-soteriológica. A evocação do significado original grego dessas palavras provoca uma nova compreensão performativa da fórmula “ressurreição da carne e na vida eterna”, fazendo explodir o seu entendimento superficial e naturalizado, porque leva a pensar e a refletir mais em profundidade sobre seu significado histórico-salvífico, porque lhe dá uma dimensão performativa para a prática da vida cristã.

Por isso é importante fixar-se na expressão que antecede essas duas formulações: **eis áfesin hamartiôn** (na remissão dos pecados)², lhes dando uma compreensão soteriológica. Antes de nada chama atenção o uso da palavra hamartia que designa o significado teológico e não puramente moral do pecado, entendido como falta ou transgressão, para a qual existem outros termos gregos paraptóma, parábasis ou anomía (Rm 4,7; 2 Ts 2,7; Hb 10,17). Paulo expõe esse significado teológico de hamartia (raiz do pecado), sempre usado no singular, no capítulo sétimo da carta aos romanos, quando explicita a doutrina da justificação no contexto da questão da lei em sua relação com o pecado e a morte (Rm 7, 14-24)³. Trata-se da libertação da raiz do pecado que leva a pecar. Essa justificação/remissão

2 Ibidem

3 JUNGES J. R. Evento Cristo e Ação Humana. Temas fundamentais da Ética teológica. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001, p. 280-282.

do pecado é acompanhada no símbolo por duas outras expressões. Ela acontece mediada pelo batismo da conversão (**eís hen báp̄tisma metanoías**) e inserida na Igreja una, santa católica (**eís mían hagían katholikén ekklesían**)⁴. Essa conversão remissão do pecado (hamartia), mediada pelo batismo na Igreja torna possível a ressurreição da carne e a vida eterna como efeito soteriológico da obra salvífica exposta no Símbolo dos Apóstolos.

RESSURREIÇÃO DA CARNE

Se você perguntar na homilia de domingo aos fiéis católicos comuns o que ressuscita do ser humano eles dirão a alma. Mas se a seguir você os faz recitarem o credo dizendo no final sem se dar conta ressurreição da carne, levam um susto, porque não é o que eles esperavam. Isso demonstra a falta de catequese sobre a escatologia cristã, fazendo com que muitos católicos confundam ressurreição com reencarnação. A originalidade é a ressurreição do corpo, pois o querigma cristão está baseado essencialmente no corpo: Deus se encarnou tomando a forma de um corpo, o que ressuscita é o corpo e não a alma, Jesus dá a comer na eucaristia o seu corpo. Por isso a importância de fazer entender e apontar as consequências para a prática cristã da afirmação da ressurreição do corpo. Contudo, o Símbolo dos Apóstolos que recitamos aos domingos nas missas não diz ressurreição do corpo (soma), mas ressurreição da carne (carne), embora a versão luterana do credo use a expressão ressurreição do corpo. A pergunta que se impõe é porque a versão católica usa a fórmula mais chocante da ressurreição da carne? Qual é o significado soteriológico dessa expressão?

4 DENZINGER H, SCHÖNMETZER A. Idem. N. 41

Certamente a palavra soma/corpo expressa mais um contexto grego de tradição paulina e a palavra sarx/carne aponta mais para uma inspiração semita, recolhida pela tradição catequética de Cirilo de Jerusalém⁵.

Qual é a compreensão semita de sarx? Designa a existência terrena em sua fragilidade. Muitas vezes carne aparece associada a sangue (Mt 16,17; Ef 6,12; Hb 2,14), referindo-se à totalidade do ser humano em sua vulnerabilidade existencial⁶. Em que sentido essa existência terrena ressuscita? O que ressuscita nela? Trata-se dessa existência frágil, resgatada e agraciada pela graça do Senhor, que adquire conteúdo pela vivência do amor/ágape. Ressuscita a existência terrena redimida pela graça divina que capacita o ser humano para viver e praticar o amor, que é o único definitivo para a eternidade, pois como afirma o final do hino de Paulo em 1 Cr 13 o que permanece verdadeiramente para a outra vida é o amor. Todo o resto se esvanece, mesmo a fé e a esperança já não são necessárias, ficando apenas o amor vivido nessa existência terrena.

Essa centralidade do amor (ágape) para o testemunho da Ressurreição aparece nas três perguntas que o Ressuscitado faz a Pedro no final do evangelho de João (21, 15-19): Jesus pergunta a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas (**agapas me**) mais do que a estes?” Pedro respondeu: Sim Senhor tu sabes que sou teu amigo (**filô se**). Sem apontar para a diferença dos verbos amar (**agapao**) e ser amigo (**fileuo**) não se compreende a profundidade desse relato. O Ressuscitado não pergunta se Pedro era seu amigo (amor no sentido

5 Ibiem

6 SCHMID J. “Sarx” in: Lexikon für Theologie und Kirche, vol. IX. Freiburg: Herder, 1964, p. 335-339.

de amizade), já que ele o negou três vezes, mas se ele o amava no sentido profundo do amor ágape, porque isso é o que importa. Essa profundidade aparece com as três recomendações que acompanham as três perguntas: “apascenta/cuida das minhas ovelhas” (vv. 15c, 16c, 18c). A amizade é recíproca e o amor/ágape é universal sem distinções. O final do relato também expressa essa dimensão profunda do amor: “quando fores velho (maduro), estenderás as mãos e outro vai te amarrar e te levará para onde não queres ir” (v. 18b), apontando para o esvaziamento que acompanha o amor/ágape e para as trilhas de entrega de si a que o amor conduzirá com a possível entrega da própria vida. O que importa de verdade é: “segue-me (**akolouthei moi**)” (v.19b), isto é, trilha os passos que eu trilhei no caminho do esvaziamento e do amor.

A parábola do juízo final de Mt 25, 31-46 aponta para essa centralidade do amor/ágape como único conteúdo valorativo de uma existência redimida e vivida na graça, pois permanece para eternidade como critério salvífico: “eu estava com fome e me destes de comer; estava com sede e me destes de beber; eu era forasteiro e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente e cuidaste de mim; na prisão e foste visitar-me” (vv. 35-36). É isso que importa viver na existência terrena (sarx), porque é a única atitude que a qualifica para a eternidade. Assim se pode entender em que sentido a carne ressuscita, pois nessa carne como existência terrena frágil acontece a redenção do pecado pela graça e a capacitação para viver o amor, dando conteúdo salvífico a essa vida terrena que ressuscita. Portanto, o que ressuscita é a identidade singular histórica de cada um, configurada pela graça que

redime do pecado e capacita para a prática do amor/ágape, dando conteúdo histórico-salvífico a essa vida terrena que ressuscita.

VIDA ETERNA

Outra expressão do Símbolo dos Apóstolos é a vida eterna que também sofre um choque performativo, quando se vai para o sentido grego da palavra vida com seu adjetivo eterna: “**eis zôén aiônion**”. Em grego temos duas palavras para designar a vida: zoé e bios. A primeira designa a simples vida natural, o simples fato de viver que aproxima e identifica os seres humanos com os animais, enquanto a segunda aponta para a vida humanamente qualificada. Quando Aristóteles distingue na *Ética a Nicômaco* a vida contemplativa do filósofo (bíos theoretikós), da vida do prazer (bíos apolaustikós) e da vida política (bíos politicós), nunca poderia ter usado o termo zoé que significativamente não existe no plural, só no singular, porque não estava em questão a simples vida natural, mas uma vida qualificada, um modo particular de vida. Na *Política* (1278b, 23-31) Aristóteles distingue entre o mero fato de viver (kata to zên) e o modo de viver (kata ton bíon), separando a existência puramente biológica do modo qualificado de existir⁷.

Quais são as consequências dessa distinção para a compreensão de “**zôén aiônion**”. Seria de esperar a palavra bíos como correspondente ao adjetivo eterna, pois se trata de um modo de vida qualificado. Se aparece o substantivo zoé em vez de bíos terá um sentido mais aprofundado, provocando um choque performativo no adjetivo eterna, assim como carne

7 AGAMBEN G. *Homo Sacer*. O poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2004, p. 9-10

produziu uma compreensão performativa de sentido sobre a abrangência da ressurreição. Portanto trata-se de adjetivar de eterna a vida natural, ao contrário do que o imaginário religioso concebe. Assim vida eterna não diz respeito à vida na eternidade depois da morte, mas refere-se ao viver valores eternos na existência terrena para que se possa alcançar a eternidade. Isso muda completamente o sentido de vida eterna, porque adquire um significado prático para o cotidiano da vida cristã e não um viver despreocupado com a vida terrena com os olhos fitos na eternidade como em geral se pensa.

Mas o que significa viver valores eternos na existência humana natural? O que significa viver o eterno (que se identifica com o eschaton, o definitivo) no cotidiano da vida terrena? O único definitivo eterno que permanece é o amor/ágape, possibilitado pela graça do Senhor, mas para que tenha valor precisa ser vivido no cotidiano da existência terrena. Assim a vida natural (zoé) adquire qualificação de eterna pelo modo de viver na graça e no amor. Esse é o significado escatológico da fé cristã, viver o definitivo (eschaton) da graça e do amor na imanência terrena da vida. Trata-se de viver o definitivo do amor capacitado pela graça no já da história humana, embora nunca ainda realizado em plenitude, porque sempre aberto a novas possibilidades da graça.

A cena evangélica do jovem rico (Mt 19, 16-22) aponta para essa realidade. Sua pergunta sobre quem é bom, tem como transfundo conseguir méritos para alcançar a vida eterna depois da morte e Jesus lhe responde segundo o esperado: cumpre os mandamentos. Ele responde: “Já observo tudo isso. Que me falta ain-

da?” (v. 20). Nesse momento acontece uma transformação na compreensão do que é a vida eterna (zoé aiônion), quando Jesus lhe propõe: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me” (v. 21). Desfazer-se de suas seguranças materiais para viver o definitivo que ele procurava na outra vida pelo cumprimento dos mandamentos, agora compreendido como seguimento de Jesus, essa é a proposta. Isso significa confiar apenas na graça e no amor (tesouro no céu), tornando presente os valores do Reino, expressos nas bem-aventuranças (Mt 5, 3-12: “Felizes os pobres em espírito, os que choram, os mansos, os que tem fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacíficos, os perseguidos”) que tomam o lugar dos mandamentos, como definição da vivência do eterno, não mais pensado fora do tempo, mas concretizado no tempo. A moral do cumprimento dos mandamentos é para angariar méritos neste mundo para ter a vida eterna (eschaton) no outro mundo. A proposta ética das bem-aventuranças significa uma reviravolta na compreensão: viver e praticar o definitivo/eschaton do amor neste mundo terreno. As bem-aventuranças tomam o lugar dos mandamentos como exigências éticas para o cristão, porque permitem a conversão para o amor ágape.

A parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 30-37) corrobora essa compreensão ao responder à questão do doutor da lei: “E quem é o meu próximo?” (v. 29). Para ele, amar o próximo, embora a citação empregue o verbo “agapao”, significava amar aquele com o qual sinto cercania afetiva e, portanto, reciprocidade. Com a parábola do Bom Samaritano, Jesus

questiona e quebra essa concepção, fazendo com que “agapao” adquira o seu sentido original profundo do amor universal, porque próximo é aquele do qual não estou próximo afetivamente, mas do qual me aproximo ativamente pela abertura e acolhida, demonstradas por gestos e ações concretas. Todos os mandamentos referidos ao próximo (quinto ao décimo) tem como objeto de respeito aqueles com os quais se tem cercania familiar e comunitária, não inclui aquele que é diverso, o estrangeiro. Portanto os mandamentos não contemplam as exigências éticas do amor ágape que se estende ao totalmente diferente, até ao adversário e ao inimigo, como propõe o sermão da montanha. Assim, os mandamentos não podem ser o conteúdo central da ética cristã, porque o que eles propõem vale para qualquer pessoa de bom senso, não é necessário ter fé para cumprir essas exigências. O cristão tem que ir além dos mandamentos, como Jesus propõe ao jovem rico: “vende tudo o que tens, dá aos pobres e depois vem e segue-me”, assumindo as bem-aventuranças como valores éticos que caracterizam o seu modo de amar. A vivência desse amor ágape, que está para além dos mandamentos, possibilitado pela graça, significa tornar presente o definitivo na existência mundana terrena, qualificando-a de eternidade. Essa é a transformação performativa que acontece quando se vai ao sentido original e profundo de vida eterna em grego.

ESCATOLOGIA CRISTÃ

A explicitação do significado dos termos carne (sarx) e vida (zoé), referidas à ressurreição e à eternidade respectivamente, permite refletir e resgatar a dimensão escatológica da fé cristã. As duas análises

apontam para a mesma certeza: trata-se de qualificar com a graça de Deus a existência terrena que irá ressuscitar ou de viver o definitivo no tempo histórico, assumindo a vida natural numa dimensão de eternidade. Portanto, a vida cristã não é uma despreocupação e desprezo pela existência terrena com os olhos fitos na eternidade atemporal. Significa justamente o contrário, qualificar de eternidade a vida terrena, sustentada pela graça e o amor de Deus. O cristão não pode ficar olhando para uma eternidade celestial atemporal, mas, ao contrário, fixar-se na terra, transformando a sua existência histórica encarnada pela vivência dos valores definitivos do Reino no aqui e agora do seu cotidiano. Essa é a originalidade escatológica da fé cristã.

Essa fixação nos valores celestiais e despreocupação com o terreno por parte de cristãos alienados entrega a realidade histórica aos vícios humanos do egoísmo e da ganância individualista, causadoras de todas as mazelas e desvios sociais, pela qual ele não se preocupa, porque para ele o definitivo é algo para além do tempo que não precisa encarnar-se no tempo e, por isso, tem a consciência tranquila de viver os valores celestiais e merecer a eternidade. Essa mentalidade expressa-se numa espiritualidade desencarnada e despreocupada com a realidade histórica que não procura viver, na graça, os valores do Reino trazidos por Jesus, tornando presente o amor que Ele proclamou. Trata-se de uma espiritualidade feita de práticas formais de piedade, mas que não inspira a existência terrena de mística escatológica fazendo viver o definitivo do amor no cotidiano da vida.

A fé cristã não se caracteriza, primordialmente, por atividades rituais (ações litúrgicas), mas por uma prática ética dos valores evangélicos (vivência mística). O perigo do acento na primeira sem a centralidade da segunda seria cair no puro formalismo celebrativo sem conteúdo, desprovido de interioridade. Por isso é sempre importante conjugar liturgia e vida, em que a vivência quotidiana conduz à celebração litúrgica e essa, por sua vez, leva à prática do que foi celebrado. Hoje, em muitos setores eclesiais movidos pelo clericalismo, existe uma supervalorização das celebrações litúrgicas, concentradas nas exterioridades das vestes, dos objetos de culto, dos gestos rituais, sem uma união mística celebrativa que conduza para a interioridade, produzindo seus efeitos para a prática quotidiana do amor ágape. A liturgia expressa o ofício público de celebração da obra de Deus. Significa ação de graças pelos efeitos salvíficos dessa obra nos fiéis e louvor pelo amor e misericórdia que inspira e causa essa ação salvífica. A celebração litúrgica precisa produzir nos fiéis a exultação gratificante pelo amor de Deus que experimentam (não admiração pelas formalidades e exterioridades das vestes e dos ritos que justamente afastam dessa exultação mística) para que queiram viver com a ajuda da graça esse amor ágape no seu quotidiano.

Essa supervalorização centrada em formalismos leva a uma deturpação da liturgia, porque está a serviço da demonstração autorreferencial do poder clerical e desconectada da vida concreta, onde verdadeiramente acontece o que importa para o definitivo escatológico da vida cristã: a prática do amor ágape. Esses padres clericalistas não se dão conta e deveriam escandalizar-se de que Jesus nunca ia às celebrações litúrgicas do templo nem sugeria ao povo que fosse.

Ele ensinava a rezar, quando propôs a oração do Pai Nosso, mas nunca rezou com o povo, por exemplo, quando multiplicou os pães ele não disse vamos agora orar agradecendo ao Pai o milagre, ao contrário, ele manda recolher os pedaços que sobraram. O que tudo isso significa? Para Jesus o que importa é a prática do amor ágape demonstrada em gestos e palavras. O seu seguidor é convidado a seguir esse caminho: qualificar a existência terrena com o definitivo escatológico do amor anunciado por Jesus. A liturgia precisa voltar a expressar essa dimensão escatológica do ofício público da celebração da obra de Deus, seu amor misericordioso que salva e conduz o fiel a viver esse amor na sua vida do dia a dia.

Na história milenar da Igreja houve um gradativo esvaziamento da compreensão escatológica da vivência cristã e um maior acento na perspectiva apocalíptica com suas descrições ameaçadoras do final dos tempos. O eschaton, o último definitivo, foi reduzido ao fim do tempo, entendido apocalipticamente, esquecendo que o eschaton é antes de nada a vivência do tempo do fim, compreendida como escatologia realizada no “já” da realidade histórica, mas “ainda não” em plenitude. Esse esquecimento da dimensão escatológica da prática da fé (viver o definitivo no presente da existência) está ligado a certa concepção de temporalidade que reduz o tempo ao seu sentido cronológico, esquecendo sua dimensão cairológica.

Os dois significados de tempo são distintos, mas não devem ser separados e opostos, porque o primeiro “krónos” é o tempo representado do qual se tem o controle cronometrado e o segundo “kairós” é o tempo operativo que compreende a ocasião de acontecer o

novo, para além do representado. Em outras palavras, o tempo representado exige o tempo operativo. Esse é o problema da compreensão moderna de tempo puramente representado como progresso do qual se tem o controle cronometrado, sem abertura para o tempo operativo da ocasião cairológica. Essa, ao contrário, é a característica do tempo messiânico, base para entender a escatologia, não o fim do tempo, mas o tempo do fim. Assim o messianismo (tempo do fim como tempo operativo) se opõe ao apocalipse (fim do tempo como tempo representado).

Para Paulo, segundo Agamben, krónos vai da criação até a ressurreição de Cristo quando inicia o tempo messiânico, kairós, o tempo operativo, que é o cronos atravessado pelo kairós, o tempo ulterior que fica entre o tempo e o fim, ou o tempo que o tempo se dá para acabar, ou melhor, o tempo que resta para o fim. Essa compreensão do tempo messiânico ajuda a entender corretamente o sentido de “parusía”, que não significa uma segunda vinda messiânica de Jesus para completar a primeira. Parousía em grego indica estar presente (para-ousía), “estar junto a”, “estar presente a si mesmo”, significando presença messiânica que conjuga os dois tempos, o kairós do tempo operativo e o krónos do tempo representado. O evento messiânico já aconteceu cronologicamente, mas a presença do Messias abre para um outro tempo, kairós, que distende a parusía, não para diferi-la para o fim, mas para torná-la acessível no tempo do fim ⁸.

8 AGAMBEN G. El tiempo que resta. Comentario a la Carta a los Romanos. Madrid: Editorial Trotta, 2006.

A história moderna trouxe o surgimento de escatologias laicas e imanentes, entendidas como progresso, que assumem a forma do fim do tempo representado cronologicamente, não do tempo cairológico operativo do fim.

O movimento comunista foi uma expressão dessa mentalidade escatológica laica. Com a revolução comunista levada a termo pelo partido em pareceria com a classe operaria revolucionária inspirada e movida pela ideologia marxista, se instauraria uma sociedade igualitária e livre, sem classes e sem Estado. Assim a história chegaria ao seu fim, porque se alcançaria a plenitude⁹.

Com a derrocada dos regimes comunistas do leste europeu, o cientista político e economista americano Francis Fukuyama proclamou o fim da História¹⁰ argumentando que a difusão mundial das democracias liberais e do livre mercado sinalizariam a vitória definitiva do capitalismo e o fim da evolução sociocultural da humanidade, porque se teria alcançado a plenitude da história e o último homem, em outras palavras, se chegaria ao fim dos tempos.

Quem deu expressão filosófica a essa mentalidade foi K. Jaspers no seu livro “A origem e o destino da História”¹¹, no qual propõe o conceito de “era axial”, a partir da qual a espécie humana começaria a ter não só uma história comum, mas também um destino comum. Essa era iniciaria com os fundadores das

9 MARX, K.; ENGELS F. Manifesto Comunista. São Paulo: Editorial Boitempo, 2005.

10 FUKUYAMA, F. O fim da História e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

11 JASPERS K. The origin and goal of History. New Haven/London: Yale University Press, 1953 [1949]

religiões universais, os filósofos gregos; o surgimento dos grandes impérios, culminando na eclosão do iluminismo moderno com a vitória da razão e da ciência. A “era axial” teria criado um “nós” universal de direito que, apenas na modernidade tecno científica, inaugurada pelos povos teuto-românicos, se dariam as condições de se transformar num universal de fato, “o verdadeiro universal, a história planetária da humanidade”. Todas as culturas anteriores e extra axiais seriam absorvidas pelas culturas axiais, sob pena de desaparecerem e caminharem para sua extinção, porque se teria chegado ao fim dos tempos. Trata-se de escatologia imanente num tempo representado como kronos sem a perspectiva do tempo operativo do cairós que abre sempre a possibilidades e ocasiões para que surja o novo num tempo não representado.

A atual crise civilizatória, ambiental e climática que poderá levar a humanidade à extinção mostra a total insanidade e contradição de pensar que chegamos à era axial e ao fim da história como alcance do progresso e da plenitude, quando se trata justamente do contrário, a destruição das condições socioambientais para que a humanidade possa sobreviver. Esse caminho inevitável de destruição climático ambiental pode ser representado e avaliado cronologicamente. Ele segue o caminho do tempo kronos. Mas fica a esperança das ocasiões abertas pelo tempo operativo cairológico representado justamente pelos povos extra axiais¹² que fazem uma leitura dessa realidade que quebra os esquemas que sempre moveram a interpretação e a construção da realidade, trazendo para a discussão da crise a sabedoria ancestral dos povos

12 DANOWSKI D.; CASTRO E. V. O passado ainda está por vir. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

originários¹³. Eles representam uma outra escatologia, não baseada no fim do tempo cronometrado, mas inspirada pelo tempo operativo do fim que transcende simplesmente o acontecido.

CONCLUSÃO

A gradativa institucionalização eclesial do nascente Cristianismo em estruturas de poder acarretou um esvaziamento de sua dimensão messiânica e escatológica, porque o tempo foi sendo pensado e representado cronologicamente como lugar da ação mundana, empurrando o definitivo e o escatológico para o fim dos tempos interpretado apocalipticamente. O tempo deixou de ser pensado messianicamente como tempo do fim, no qual o último definitivo abre sempre novas ocasiões de ser realizado e concretizado no aqui e agora histórico. Assim a própria parusia não é empurrada para o fim dos tempos, mas ela acontece historicamente pela presença messiânica do Cristo Ressuscitado, distendendo o tempo da espera do fim, pela presença do definitivo na vida dos seguidores do Cristo. Essa distensão escatológica da parusia, kairós qualificando o krónos, possibilita e capacita o cristão a viver pela graça o fim definitivo do amor de Deus na sua existência terrena (sarx) que irá ressuscitar, concretizando a eternidade em sua vida cotidiana natural (zoé).

A recuperação dessa dimensão messiânica escatológica do tempo será única via para que o cristianismo possa superar a atual crise, readquirindo o frescor do seu início, porque significará a vivência do definitivo último do amor/ágape e da graça no cotidiano histórico da vida terrena. Mas para que isso aconteça são

13 KOPENAWA D.; ALBERT B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

necessárias duas transformações performativas catequéticas que eduquem os cristãos para essa dimensão escatológica da vivência do amor ágape no seu cotidiano. A liturgia precisa celebrar verdadeiramente o ofício da obra de amor de Deus para que os que participem fiquem encantados e exultantes pela experiência do amor misericordioso de Deus e queiram responder agradecidos a essa experiência, vivenciando no seu dia a dia esse amor ágape com gestos concretos que expressam as bem-aventuranças, como a única coisa que importa, porque qualifica a existência terrena. Em segundo lugar, os cristãos precisam compreender que a ética cristã não pode ser reduzida aos mandamentos, porque eles valem para qualquer pessoa de bem mesmo sem fé. Do cristão se pede mais, como demonstra a cena do encontro de Jesus com o jovem rico, a vivência de um amor que vai além da pura reciprocidade da cercania familiar e tribal, como acontece com o amor ágape que transcende todos os limites, incluindo a todos, mesmo os mais distantes e adversários, na dinâmica do amor, pois se trata de um amor, inspirado pela bem-aventuranças, dando-lhe uma dimensão escatológica, porque torna presente o último e definitivo na realidade histórica.

José Roque Junges



José Roque Junges. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1973), especialização em História do Brasil Contemporâneo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1978) mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidad Católica de Chile (1980) e doutorado em Teologia Moral pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma, Itália (1985).

Atualmente é professor das disciplinas de bioética no curso de medicina e professor/pesquisador do PPG em Saúde Coletiva da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNISINOS (2005-2021); Líder do grupo de pesquisa CNPq “Bioética Biopolítica e Saúde Coletiva”; Editor associado da Revista Brasileira de Bioética (RBB), Membro do comitê de ética (2007-2009; 2009-2011), do comitê científico (2011-2013) da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB); Vice-Presidente (2006-2007 e 2008-2009) da Sociedade Riograndense de Bioética (SORBI) e membro da Rede latino-americana e do Caribe de Bioética da UNESCO.

Tem experiência na área de Teologia, Filosofia e ética, com ênfase em bioética, atuando principalmente nos seguintes temas: bioética, ética ambiental e saúde coletiva. Livros publicados: *Bioética: Perspectivas e desafios* (São Leopoldo: Unisinos, 1999); *Ecologia e Criação: Resposta cristã à crise ambiental* (São Paulo: Loyola 2001); *Evento Cristo e Ação Humana: Temas*

fundamentais de ética teológica (São Leopoldo: Unisinos, 2001); Ética ambiental (São Leopoldo: Unisinos, 2004); Bioética: Hermenêutica e Casuística (São Paulo: Loyola, 2006); (Bio) Ética Ambiental (São Leopoldo: Unisinos, 2010); Bioética Sanitarista: desafios éticos da Saúde Coletiva (São Paulo: Loyola, 2014); Epistemologias da Bioética: Ensaio de Hermenêutica cr[ítica] (São Leopoldo: Unisinos, 2021).

ENTREVISTAS DO IHU COM JOSÉ ROQUE JUNGES

- [Misericórdia, discernimento e consciência. Um dicionário de teologia de acordo com a sensibilidade contemporânea. Entrevista com José Roque Junges](#)
- [Redução da jornada de trabalho e renda básica universal e incondicional podem romper com a escuridão da economia do lucro e o “sistema de morte”. Entrevista especial com Cesar Sanson e José Roque Junges](#)
- [A medicalização da vida faz mal à saúde. Entrevista especial com José Roque Junges](#)
- [“Se o aborto é um problema, a sua solução não é o próprio aborto”. Entrevista especial com José Roque Junges](#)
- [Ecologia Integral e justiça ambiental no cuidado da “casa comum”. Entrevista especial com José Roque Junges](#)
- [Agenciamentos imunitários e biopolíticos do direito à saúde. Entrevista especial com José Roque Junges](#)

- [União homoafetiva. Uma vitória, mas resta ainda um longo caminho a percorrer. Entrevistas especiais com Luis Corrêa Lima, Toni Reis, Roque Junges e Ronaldo Henn](#)

ARTIGOS DE JOSÉ ROQUE JUNGES REPRODUZIDOS PELO IHU

- [Subjetividade neoliberal causa a destruição do comum e leva seus efeitos à crise ambiental](#)
- [“Dicionário de Teologia Moral”, publicado em português, é apresentado por José Roque Junges – Vídeo](#)
- [Para além do autismo econômico. Artigo de José Roque Junges](#)
- [Diminuição do Catolicismo apontada por Pesquisa do IBGE: Uma leitura teológica a partir de sinalizações do Papa Francisco. Artigo de José Roque Junges](#)

PUBLICAÇÕES DE JOSÉ ROQUE JUNGES REPRODUZIDAS PELO IHU

- [Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica.](#) Artigo de José Roque Junges. Cadernos Teologia Pública Nº. 7
- [O que a teologia pública traz de novo.](#) Artigo de José Roque Junges. Cadernos IHU em formação Nº. 8



- [A medicalização da vida faz mal à saúde](#). Entrevista especial com José Roque Junges. Cadernos IHU em formação Nº. 44
- [Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyla e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial](#). Artigo de José Roque Junges. Cadernos Teologia Pública Nº. 133
- [O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social](#). Artigo de José Roque Junges. Cadernos IHU ideias Nº. 277



CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Desislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 “*Gloria Victis - ainda que tarde!*” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes
- N. 170 A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade - Phyllis Zagano
- N. 171 Uma realidade para além da vontade: Agostinho, IA e a vindicação da teofania - Jordan Joseph Wales
- N. 172 A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas - Massimo Faggioli
- N. 173 Diaconato feminino na história da Igreja - Guillermo Daniel Micheletti
- N. 174 Pensar a transformação missionária da Igreja a partir dos “fiéis não tão praticantes...” - Valérie Le Chevalier
- N. 175 Mulheres, Igreja, Sinodalidade. Esperanças e expectativas - Maria Cristina S. Furtado, Alzirinha Souza, Ivenise T. Gonzaga Santinon, Maria Inês de Castro Millen e Maria Clara Lucchetti Bingemer
- N. 176 Mais azul que rosa: moral sexual católica e comunidade LGBTQIA+ - Leomar Nascimento de Jesus
- N. 177 A Igreja é uma mulher: misoginia magisterial, mulheres míticas e feminilidade mimética - Tina Beattie
- N. 178 Teologia e lógicas plurais: desafios e perspectivas para o pensamento teológico latino-americano - Claudio de Oliveira Ribeiro

 UNISINOS